

Aluno (a): \_\_\_\_\_

Nº \_\_\_\_\_

## PROPOSTA DE REDAÇÃO – 3ª SÉRIE:

### **Texto I - A onda de barbaridade dos massacres em escolas no Brasil**

*É preciso, no mínimo, criar mecanismos para proteger o ambiente escolar e frear a cultura à violência que se espalha nos meios digitais*

*Por Victoria Bechara*

Notícias sobre massacres em escolas sempre foram tristemente comuns em outros países, principalmente nos Estados Unidos, palco de episódios como o de Columbine, em 1999, quando a ação de dois jovens atiradores deixou quinze mortos. Nos últimos anos, infelizmente, esse tipo de brutalidade se tornou frequente no Brasil. O caso mais recente foi registrado na quarta-feira 5, quando um criminoso de 25 anos invadiu uma creche em Blumenau (SC), matou quatro crianças com idade entre 4 e 7 anos e feriu mais cinco. A chacina veio dez dias após um aluno de 13 anos matar uma professora e ferir quatro pessoas em uma escola de São Paulo. A escalada é preocupante. Levantamento do Monitor do Debate Político no Meio Digital da USP identificou 22 ataques em escolas brasileiras desde 2002 — onze deles desde o ano passado. O “efeito contágio”, como dizem especialistas, deveria mobilizar as autoridades. Boa parte dos atentados é planejada e incentivada em comunidades no submundo da internet, onde assassinos como os de Columbine são tratados como heróis. A arma usada em Blumenau, uma machadinha, não é coincidência. Desde que foi empunhada no massacre de Suzano (SP), em 2019, que teve dez mortos, ela apareceu em cinco ocorrências em escolas de quatro estados. O alerta está dado. É preciso, no mínimo, criar mecanismos para proteger o ambiente escolar e frear a cultura à violência que se espalha nos meios digitais. Essas iniciativas não apagam a dor no coração das famílias das vítimas, mas podem evitar novas tragédias.

*Fonte: Veja*

### **Texto II - A idolatria a autores de ataques a escolas que circula livremente em redes sociais**

Inúmeros textos, fotos e vídeos com elogios e celebração a autores de ataques a escolas e à violência cometida por eles circulam livremente nas redes sociais.

E não é preciso entrar na deep web ou procurar extensivamente. Não se trata de um submundo oculto, mas de um conteúdo acessível, inclusive para adolescentes, em grandes plataformas de compartilhamento de conteúdo da internet, como Twitter e TikTok.

Para especialistas ouvidos pela reportagem, esses conteúdos abertos na internet também são formas de cooptar jovens que tenham algum mínimo interesse no tema. E, a partir disso, esses pré-adolescentes ou adolescentes são convidados para fóruns específicos – muitos deles fechados para evitar que sejam rastreados.

A reportagem entrou em contato com o Twitter, mas a rede social, que relaxou seu controle após ser comprada por Elon Musk, não responde mais a questionamentos da imprensa. O TikTok afirma que tem mecanismos para receber denúncias sobre possíveis casos de incitação a ataques e que trabalha continuamente para remover esse tipo de conteúdo.

O ataque a uma creche de Blumenau (SC) na quarta-feira (5/4), segundo apurações iniciais da polícia, é um caso isolado e sem relação com a onda de massacres em unidades de ensino no país na última década. Também não tem vínculo com as redes sociais.

Porém, o caso do adolescente 13 anos que invadiu uma escola em 27 de março na Zona Oeste de São Paulo, matou uma professora e feriu cinco pessoas, fazia referências a um dos autores do massacre em Suzano (SP) em 2019.

Em seu perfil no Twitter, o adolescente adotava o mesmo sobrenome do autor do ataque em Suzano.

### **As postagens nas redes**

Basta uma busca no Twitter ou no TikTok para encontrar publicações que exaltam atiradores que invadiram unidades de ensino.

Boa parte desse conteúdo é encontrada com uma hashtag específica que costuma ser usada por adoradores desses indivíduos. Em muitos desses casos, segundo especialistas, esses “fãs” são crianças ou adolescentes, que acabam compartilhando conteúdos favoráveis a essas pessoas.

Por exemplo, um perfil no Twitter compartilhou recentemente uma mensagem que definia alguém que comete um massacre como uma pessoa “com coragem”. O mesmo perfil deu a entender que um dia fará algo semelhante e vai “mandar aquela gente do inferno de volta”. Na foto desse perfil, há uma pessoa com uma máscara de caveira.

Essa máscara, muitas vezes impressa em uma bandana, é a mesma usada por muitos perfis que cultuam esses assassinos na internet. O autor do massacre em Suzano, que cometeu suicídio após o ataque, usava essa máscara – a mesma usada pelo jovem de 13 anos que atacou uma escola no início da semana passada. Segundo pesquisadores, é um símbolo da supremacia americana.

Muitas das contas que exaltam responsáveis por massacres cultuam solidão e sofrimento, declarando “ódio ao mundo”. São, como definem especialistas, “lobos solitários”. Em muitos desses perfis, há conteúdos de misoginia ou racismo.

Em um desses perfis, há um vídeo com montagem de fotos de cenas de horror nas escolas – incluindo os casos de Suzano e o ataque da semana passada. Esse material é acompanhado de uma música animada, típica de cenas de ação.

Em outro perfil, um jovem com a foto de um atirador retratado em uma série da Netflix compartilha uma foto de sua carteira na escola e escreve que está “de volta ao inferno”.

Após o ataque a faca em São Paulo em 27 de março, os próprios usuários do Twitter perceberam que buscar pelo nome do autor do crime de Suzano e por algumas hashtags específicas levava a um conteúdo perturbador. Em razão disso, começaram a denunciar em massa esses perfis. No entanto, a maioria deles segue ativa na rede social.

A política de combate ao discurso de ódio da plataforma, que já era muito questionada, mudou totalmente depois da aquisição da empresa por Elon Musk, que fez demissões em massa e defende publicamente manter perfis problemáticos em nome da liberdade de expressão.

A BBC News Brasil procurou oficialmente o Twitter para questionar sobre o incentivo ao homicídio de crianças e adolescentes em escolas na plataforma e a resposta foi um e-mail com um emoji de fezes – prática que se tornou habitual a qualquer questionamento da imprensa.

No TikTok, também chama a atenção o conteúdo voltado a esses perfis que cultuam responsáveis por massacres em escolas.

Na plataforma de vídeos, há muitas imagens e textos que demonstram admiração aos agressores, inclusive ao adolescente que matou a professora em março. Um vídeo com uma foto dele é acompanhado da frase “espero que você esteja bem”. É apenas um exemplo em meio a tantas outras homenagens compartilhadas na plataforma.

E no TikTok há também inúmeros vídeos que homenageiam o autor do massacre de Suzano. Em um deles, por exemplo, a foto dele é acompanhada da frase “ele parece um sonho, o garoto mais bonito que eu já vi”.

Essas publicações costumam ter centenas de curtidas e comentários elogiosos. Na imensa maioria, os perfis que interagem com esses vídeos dizem ser pré-adolescentes ou adolescentes – faixa etária de grande parte dos usuários da plataforma.

Em nota à BBC News Brasil, o TikTok afirma que esse tipo de conteúdo é proibido na plataforma e diz que tem diversos mecanismos para que os usuários denunciem.

“Não há espaço para extremismo violento no TikTok, e trabalhamos continuamente para remover qualquer conteúdo e indivíduos que prejudiquem a experiência criativa e alegre que as pessoas esperam em nossa plataforma”, diz a empresa.

O Tiktok também afirma que está analisando as postagens encontradas pela BBC News Brasil e que tomará providências em relação a elas.

A plataforma diz, ainda, que a publicação do vídeo não significa que ele será sugerido pelo algoritmo para outros usuários.

### **Os riscos da idolatria a massacres**

Essa espécie de idolatria aos responsáveis por massacres, segundo especialistas, é justamente o que muitos desses grupos buscam. Esses indivíduos podem enxergar as notícias e divulgação de seus nomes como algo que faz com que se tornem relevantes. E, assim, são reconhecidos nesse meio extremista.

Para Letícia Oliveira, que há 11 anos monitora a extrema direita brasileira na internet, o fato de o atirador de Suzano ter morrido após o ataque e a intensa divulgação de seu nome e rosto estão entre os principais motivos para que ele tenha se tornado um ídolo nesse meio.

“É a pessoa que conseguiu passar por tudo aquilo que eles gostariam de passar. É a intenção de matar e aquele que entra em confronto com a polícia e morre ou se suicida vira ‘sancto’ pra eles, ou seja, é cultuado como um santo”, explica.

Em dezembro de 2021, a idolatria ao atirador de Suzano foi apontada pelo Ministério Público do Rio de Janeiro (MP-RJ) durante uma operação que investigou grupos neonazistas no país.

Na época, o promotor Bruno Gaspar, do MP-RJ, passou meses apurando o funcionamento de grupos neonazistas no país. Em entrevista à BBC News Brasil no período, Gaspar lamentou a constatação de que o responsável pelo crime era reverenciado.

“A gente está falando de uma pessoa que matou alunos, estudantes e funcionários de uma escola e se tornou ídolo para essas pessoas”, disse Gaspar em dezembro de 2021.

O massacre de Suzano ocorreu em 13 de março de 2019, na Escola Estadual Raul Brasil. Ao todo, 10 pessoas morreram. Além do adolescente reverenciado nas redes, um colega dele, de 25 anos, também participou do ato.

Segundo a investigação, eles teriam se inspirado no massacre da escola de Columbine, no Estado americano do Colorado, em 1999, quando dois alunos assassinaram 13 pessoas e feriram 24.

Essa idolatria a responsáveis por ataques, apontam especialistas, pode ser um importante alerta sobre os riscos de um possível massacre.

No caso do ataque em São Paulo na semana passada, por exemplo, o adolescente de 13 anos disse à polícia que se inspirou nos massacres de Suzano e de Columbine.

A pesquisadora Michele Prado, do Monitor do Debate Político no Meio Digital da Universidade de São Paulo (USP), afirma que uma pessoa que compartilha esse tipo de conteúdo ou idolatra responsáveis por massacres “não é um criminoso em potencial, mas é alguém que acredita que a violência é uma solução legítima para as suas demandas”.

“Quando alguém começa a reproduzir esses conteúdos, é um sinal vermelho de que a pessoa acredita que a violência é a única solução para a sua demanda, para a sua queixa”, comenta.

Um dos riscos, apontam pesquisadores sobre o tema, é que esse indivíduo passe a frequentar grupos que apontam para ele que a violência é a principal solução para queixas que pode possuir, como bullying, violência ou qualquer tipo de inadequação social.

“Nesse caso pode ocorrer uma radicalização tamanha que faz a pessoa acreditar que matar outras pessoas é a solução para as suas queixas. E disseminar esses conteúdos (favoráveis a responsáveis por massacres) pode significar que ela tem a sua visão fortalecida e há potencial para chegar ao extremo da ação violenta”, pontua.

“Todos que compartilham esses conteúdos vão executar? Não. Provavelmente é uma minoria que vai chegar ao extremo. Mas não há dúvidas de que isso é um sinal vermelho”, diz Prado.

### **Recrutados pelas redes**

Esses espaços nas redes sociais acabam sendo ambientes onde os agressores se articulam, segundo o trabalho da pesquisadora Telma Vinha, do grupo de estudos “Ética, diversidade e democracia na escola pública”, da Unicamp. Os métodos dos ataques são aprendidos na internet, disse ela em uma palestra logo após o ataque em São Paulo, onde muitos jovens são aliciados e apresentados a conteúdo de extrema direita.

O grupo de estudo de Vinha mapeou 22 ataques a escolas no Brasil nas duas últimas décadas.

Nos últimos anos, houve uma explosão de conteúdos extremistas compartilhados abertamente nas redes sociais, aponta Thiago Tavares, presidente da SaferNet Brasil, ONG que atua desde 2006 na promoção e defesa dos direitos humanos na internet e recebe denúncias anônimas sobre crimes.

“O que a gente tem visto é um recrudescimento da radicalização entre jovens, que são muitas vezes recrutados pelas redes, como por meio de fóruns de games, em plataformas específicas ou em redes sociais como o Twitter. Já a deep web é usada quando já existe um certo nível de radicalização instaurado”, diz Tavares.

Ele acredita que isso se deve, principalmente, a situações como a polarização política dos últimos anos e o avanço de muitos movimentos associados à extrema direita no país. “São grupos que alimentam ódio contra diferentes, minorias historicamente discriminadas no país, como LGBTQIA+, mulheres e negros”, afirma.

Nos últimos anos, ataques a unidade de ensino passaram a causar grande preocupação no Brasil

A pesquisadora Letícia Oliveira, que monitora a extrema direita há mais de uma década, ressalta que os jovens são cooptados em locais virtuais como chats de jogos online ou plataformas como o TikTok ou o Twitter. “Também usam muito o WhatsApp”, diz.

O WhatsApp informa, em nota, que usa criptografia de ponta a ponta como padrão, o que, segundo o aplicativo, não permite que tenha acesso ao conteúdo das mensagens trocadas entre usuários. Por isso, não realiza moderação de conteúdo.

Apesar disso, o WhatsApp afirma que não permite o uso do seu serviço “para fins ilícitos ou que instigue ou encoraje condutas que sejam ilícitas ou inadequadas. Nos casos de violação destes termos, o WhatsApp toma medidas em relação às contas como desativá-las ou suspendê-las.”

“O aplicativo encoraja que as pessoas reportem condutas inapropriadas diretamente nas conversas, por meio da opção “denunciar” disponível no menu do aplicativo (menu > mais > denunciar) ou simplesmente pressionando uma mensagem por mais tempo e acessando menu > denunciar. Os usuários também podem enviar denúncias para o email support@whatsapp.com, detalhando o ocorrido com o máximo de informações possível e até anexando uma captura de tela”, diz o WhatsApp.

“Quando uma pessoa envia uma denúncia, o WhatsApp recebe as últimas cinco mensagens, ou a mensagem especificamente reportada daquela conversa. O usuário ou grupo denunciado não recebe nenhuma notificação sobre essa ação”, acrescenta a nota da plataforma.

A reportagem também procurou a Meta, responsável pelo Instagram e pelo Facebook, para saber quais medidas são tomadas nessas redes em relação ao tema.

Em nota, a empresa afirma que não permite que organizações ou indivíduos “que anunciem uma missão violenta ou que estejam envolvidos em violência tenham presença nas plataformas da Meta. Isso inclui organizações ou indivíduos envolvidos nas seguintes atividades: atividade terrorista, ódio organizado, assassinato em massa (incluindo tentativas) ou chacinas, tráfico humano e violência organizada ou atividade criminosa. Também removemos conteúdo que expresse apoio ou exalte grupos, líderes ou indivíduos envolvidos nessas atividades.”

“Além disso, disponibilizamos ferramentas para apoiar pais e responsáveis a supervisionar e guiar a experiência de seus filhos adolescentes em nossos aplicativos, disponíveis na Central da Família. Os recursos ajudam os pais no controle parental para que possam conversar com os jovens sobre o que estão consumindo online”, acrescenta a Meta.

Ainda em nota, a Meta pede que as pessoas denunciem conteúdos que violem suas regras e afirma que "colabora com as autoridades locais, respondendo às solicitações governamentais de dados nos termos da lei".

**COMANDO:** A partir do material de apoio e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija uma Crônica Jornalística sobre as redes sociais alimentarem a violência nas escolas.

### INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
- 4. Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
  - 4.1. Tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo consideradas "texto insuficiente".
  - 4.2. Fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
  - 4.3. Apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.